REDE FUTURA DE ENSINO

JULIANA AZEVEDO E MATTOS MONTEIRO

NOVAS PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO

RIO DAS OSTRAS - RJ

2018

JULIANA AZEVEDO E MATTOS MONTEIRO

REDE FUTURA DE ENSINO

NOVAS PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título especialista em GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO.

Orientador: Professora DSc. Ana Paula Rodrigues.

RIO DAS OSTRAS - RJ

2018

NOVAS PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO

Autor¹, (Juliana Azevedo e Mattos Monteiro)

Declaro que sou autor¹ deste Trabalho de Conclusão de Curso. Declaro também que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daqueles cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, declaro, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais. (Consulte a 3ª Cláusula, § 4º, do Contrato de Prestação de Serviços).

RESUMO - Uma das preocupações nos dias atuais é a qualidade do ensino e como estes estão sendo ministrados em nossas escolas. Este estudo visa refletir sobre a prática do mesmo, atualmente nas escolas de hoje. Tem como objetivo analisar até que ponto a educação escolar está sendo ministrada na vida prática do aluno, e a metodologia estratégica para a recuperação de estudantes com defasagem de conteúdo. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de vários autores procurando entender as necessidades e a busca de um novo modelo do processo educativo, onde possa identificar as causas de algumas dificuldades que os alunos apresentam em relação aos conteúdos, estabelecendo uma abordagem de recuperação que consiste em fazer revisões breves em conteúdos básicos ao longo de sua vida escolar. Conclui-se que tal ensino deve ser realizado de forma contextualizada e indisciplinar em constante evolução com todos os aspectos da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Aluno. Professor.

1- INTRODUÇÃO

Uma das necessidades básicas do homem é sem dúvida o conhecimento, pois sem ele, inserir-se no meio social, desprovido de estudos, fica praticamente impossível interagir com o meio social em que vive.

Um dos grandes desafios para o ensino nas escolas de hoje, é encontrar soluções para manter a qualidade e ao mesmo tempo minimizar os problemas com relação à evasão, principalmente na fase da adolescência.

Este artigo é indicado àqueles que se interessam pela reflexão sobre a importância dos estudos no seu cotidiano e formação profissional, especialmente, a educadores que buscam fazer de seus alunos cidadãos competentes para interferirem nos atos sociais cotidianos. Apresenta novas perspectivas baseadas em autores especialistas no assunto, tais como, Paulo Freire (2001), PCNs (1999), Gadotti (2000),

Santaló (1996) que tratam destas concepções numa visão ampla e clara. Também está fundamentada em Phillippe Perrenoude (1999, 2000, 2002) cujas postulações sobre a formação de competências e habilidades em jovens estão apresentadas, assim como os desafios modernos de educação de Pedro Demo (1996). Há de se ressaltar que é clara a necessidade do conhecimento para todos, interagir em nosso cotidiano e englobar conhecimentos adquiridos ao longo da existência da humanidade, nos faz sobressair em meio a vida cotidiana, por isso esse estudo discute e analisa a prática pedagógica, a defasagem por parte dos alunos de forma que possamos repensá-la e reconstruí-la.

Compreender os erros cometidos e identificar pontos de tensão na aprendizagem, são estratégia importantes para educação a fim de criar mecanismos de auxílio na superação de dificuldades identificadas.

Concorda com Pinto (2000) ao afirmar que o erro configura-se como uma oportunidade didática para o professor, podendo oferecer novos elementos para ele refletir sobre suas ações didáticas, e, como consequência, novos direcionamentos em suas práticas pedagógicas.

O compromisso expresso na competência profissional do docente, é exercido no âmbito da vida social e política. Nem sempre, porém, o papel desempenhado pelo professor foi o mesmo na sociedade. Muitas vezes, ele não se preocupa em preparar seu aluno para a autonomia.

Paulo Freire (2000, p. 25), em crítica e recusa ao ensino bancário, refere-se ao ensinar como criar as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento.

Este artigo científico, tem como objetivo principal refletir sobre a prática do ensino pedagógico; apontar novas perspectivas de atuação do professor; analisar até que ponto os conteúdos ministrados são necessários à vida prática do aluno; aplicar a metodologia estratégica para retenção e recuperação dos estudantes com deficiência em fundamentos básicos.

O presente estudo, tem origem em reflexões e na curiosidade de desvelar parte sobre a importância de novas mudanças em nossas práticas pedagógicas para a formação de nossos alunos.

2- MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo é de caráter estritamente bibliográfico, evitando-se “uma leitura passiva ou ingênua” [...] “a postura recomendada é o diálogo crítico” com a bibliografia fundamental da área.

Primeiramente, se fará o levantamento de todo material pertinente ao assunto, com a leitura acompanhada de fechamentos de dados como livros, artigos, etc. Os dados daí selecionados, serão submetidos à análise e interpretação para redação do artigo científico.

3- DESENVOLVIMENTO

Em um passado recente, e em muitas instituições ainda hoje, à escola era (é) um lugar destinado à transmissão de informações dos professores aos alunos, os quais eram periodicamente testados quanto à aquisição dos conhecimentos que internalizavam, através de provas e testes.

No ensino da matemática, por exemplo, valorizava-se principalmente a capacidade de processar informação quantitativa, visto que tal aptidão era considerada básica para moldar o aluno em funções das exigências de um mercado de trabalho. Ao professor, cabia o papel de transmissor de conhecimentos previamente definidos nos livros didáticos, de forma linear e sequencial.

Sobre isso, destaca Litto (1990, p.9):

O papel ativo era exercido pelo professor, e o aluno era um elemento passivo, um mero receptor dos pacotes de informações preparados pelo sistema educacional. Memorização de informação era a pedra angular universitária neste paradigma, e as respostas corretas as perguntas dos exames, isto é, conformidade a um determinado modelo do mundo, era esperada de cada aluno.

Esse tipo de ensino gerava uma pseudo-aprendizagem, sem sentido e afastava das significativas e ininterruptas mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos, por isso tornou-se obsoleto e vazio.

Atualmente, pretende-se adequar parâmetros para um ensino mais eficiente, com diversos tipos de motivação para despertar o interesse e a participação dos alunos e procurando inseri-lo neste mundo que mantém ritmo frenético de mudanças.

É importante que este ser que se prepara para o mercado profissional, reconheça que o conhecimento é fundamental para a colocação dele no mercado de trabalho.

Desta forma, o novo paradigma educacional sugere que o ambiente escolar seja, *a priori*, um lugar rico em recursos, onde os alunos possam construir seus conhecimentos de acordo com suas características individuais. Neste *locus*, a memorização de conceitos e repetição das respostas corretas devem também ser substituídas pela capacidade de pensar e se expressar com clareza e inteligência, de solucionar problemas e tomar decisões adequadas. Enfim, um ensino capaz de dar um novo significado, com conteúdo inseridos no contexto real.

As necessidades do mundo atual, demandam a formação de alunos com capacidades de natureza prática para lidar com as atividades que lhe permitem solucionar problemas, buscando e selecionando informações para à tomada de decisões.

Por isso se faz necessária a prática de novos meios de organização do ensino, que privilegia, sobretudo, o desenvolvimento nos alunos de competências exigidas em sua vida social e profissional, pois atualmente o mercado de trabalho não abre espaço para profissionais mal preparados.

Endossa Santaló (1996, p.11), ao afirmar que:

A missão dos educadores é preparar as novas gerações para o mundo em que terão que viver. Isto quer dizer proporcionar-lhes ensino necessários para que adquiram as destrezas e as habilidades que vão necessitar para o seu desempenho, como comodidade e eficiências, no seio da sociedade que enfrentarão ao concluir sua universidade.

Sobre isso, GADOTTI (2000) afirma que, neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações (GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação, 2000).

Desta forma, deve visar não somente a aprendizagem de conteúdo, mas, sobretudo a capacidade de aprender, ou melhor, o saber aprender como condição básica para continuar aprendendo ao longo da vida. O que se deseja, portanto, é que sejam desenvolvidas nos alunos competências básicas para que lhes permitam incitar a capacidade de continuar aprendendo.

Portanto o ensino deve ser mais do que uma simples memorização de contextos, mais um instrumento para o pleno exercício da profissão e da cidadania.

O que vem se constatando, no entanto, em geral, que os índices de desistência e abandono tem sido grande. Este fato ocorre, na maioria das vezes, porque os currículos não estão interligados com a realidade dos alunos.

Outro fator que contribui negativamente é o professor apenas “transmissor de conhecimentos”, que engaveta suas aulas sem contextualizá-las, provocando desinteresse pelo estudo e evasão.

Para esse tipo de professor que se baseia no falar-ditar do mestre (uma pedagogia de transmissão), Paulo Freire (2001, p.47) faz críticas como sendo o modelo mais identificado como prática de ensino menos habilitada a educar. Eis algumas:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária (sedentária passiva). O educador recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Quem apenas fala e jamais ouve; quem apenas imobiliza o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco; apenas suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia. Ensinar não é a simples transmissão do conhecimento em torno do objeto ou do conteúdo do objeto a ser mecanicamente memorizado pelos alunos.

Hoje, se clama por uma inovação de atitude epistemológica que permite reconfigurar conhecimentos, ultrapassar a concepção de que para ser científico precisa romper com o senso comum. A mudança é urgente, uma mudança curricular e pedagógica na qual se articula teoria e prática para assim poder (em vez de reproduzir), gerar conhecimento. Cunha (2000, p.241), sinaliza critérios de inovação pontuando condições e características, a saber:

- ruptura como a forma tradicional de ensinar e aprender e/ou com os procedimentos acadêmicos inspirados nos princípios positivistas da ciência moderna;

- gestão participativa, onde os sujeitos do processo inovador sejam protagônicos da experiência, desde a concepção até a análise dos resultados;
- reconfiguração de saberes, onde se anulam ou diminuem as clássicas dualidades entre saber científico/saber popular, ciência/cultura, educação/trabalho etc.;
- reorganização da relação teoria prática, rompendo com a clássica proposição de que a teoria precede à prática, dicotomizando a perspectiva globalizadora;
- perspectiva orgânica no processo concepção, desenvolvimento e avaliação da experiência desenvolvida.

É obvio que a inovação não significa rearranjo de situações estabelecidas, mas sim esforços inovativos emancipatórios submetidos em todo o seu processo de ação a uma análise crítica em relação ao contexto político-social.

Enfim, a atual Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, 1996, lei nº 9394/96, art.26), explicita a necessidade de se trabalhar no ensino com diferentes áreas do conhecimento no sentido de uma formação plena do aluno. Tais áreas são importantes marcos estruturais na leitura e interpretação da realidade, essenciais para garantir a inserção dos alunos como cidadãos na sociedade de uma forma autônoma e participativa. Desta forma, deve visar não somente a aprendizagem de conteúdo, mas, sobretudo a capacidade de aprender, ou melhor, o saber aprender como condição básica para continuar aprendendo ao longo da vida. O que se deseja, portanto, é que sejam desenvolvidas nos alunos competências básicas para que lhes permitam incitar a capacidade de continuar aprendendo.

A prática pedagógica deverá ser configurada como trabalho coletivo em que a relação teoria e prática sejam “eixo articulador da produção do conhecimento na dinâmica do currículo”. (SCHEIBE, 2000, p.15).

O trabalho do docente constitui o exercício profissional do professor, e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política.

É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, concluiu-se que a interação existente entre professor e aluno, é um dos componentes mais importantes para o sucesso do ensino-aprendizagem. Sem que haja uma convivência positiva entre estes dois sujeitos, não há aprendizagem de qualidade.

Com o crescimento econômico nos últimos anos, tornou-se notória a necessidade de formar melhores e mais cidadãos pensantes.

Dessa forma, não há como pensar em ensino/aprendizagem apenas como aprendizagem de regras, cálculos, fórmulas, teorias ou quaisquer outras situações que levam a resultados através de memorização. Há de se pensar, na apropriação de conceitos e procedimentos que possam contribuir para o engajamento do cidadão no mundo do trabalho, relações sociais, culturais e políticas.

É de real importância que se entenda que o ensino/aprendizagem deve estar em constante evolução, assim como todos os aspectos da vida estão.

Mudanças, de modo geral, demoram a ser assimiladas, mas temos consciência, contudo, de que toda grande caminhada começa pelo primeiro passo.

Para um ensino mais eficaz e promissor, urge que se mergulhe no cotidiano, na vida, nos problemas sociais e econômicos. Só assim podemos mudar a péssima concepção sobre o ensino/aprendizagem (educação) e começarmos a ensiná-la com sentido.

Os novos tempos clamam por uma prática não doutrinária, mas reflexiva, sem pretender ser diagnóstica. Afinal, o conhecimento interessante é o do dia a dia, onde há interação entre meio, aluno, teoria e prática, um estudo de suma importância para a formação de bons alunos.

6- REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. Inovação como perspectiva emancipatória no ensino superior: **mito ou possibilidade**. In: CANDU, Vera Maria (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CURY, Helena Noronha. **Análise de erros e de conteúdo: subsídios para uma proposta metodológica**. IN: Seminário Internacional de pesquisa em educação Matemática, 2, 2003, Santos. Anais Santos: SBEM, CD-ROM, 2003.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOWBOR, L. **A reprodução Social**. São Paulo: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/1261-a-pratica-pedagogica-da-educacao-atual>>. Acesso em: 28 out. 2018.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação mediadora uma prática em construção: da pré-escola à universidade**. 5. ed. Porto Alegre. Mediação, 1995.

LITTO, F. M. **A universidade do futuro já é uma realidade em São Paulo**. In.: Revista Enfoque. N.8. Rio de Janeiro: FICAB, 1993, pp. 9-10.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Atmed Editora, 1999.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. Edgar Morin: **a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROMÃO, José Eustáquio. **Dialética da diferença**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTALÓ, L. S. Matemática para não matemáticos. In.: PARRA, C. & SAIZ, I. **Didática da Matemática: reflexões psicopedagógicas**, 1996, pp. 11 – 25.

SCHEIBE, Leda. **Formação da identidade do pedagogo no Brasil**. In.: CANDU, Vera Maria (Org.). **Ensinar a aprender: sujeitos, saberes e pesquisas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.